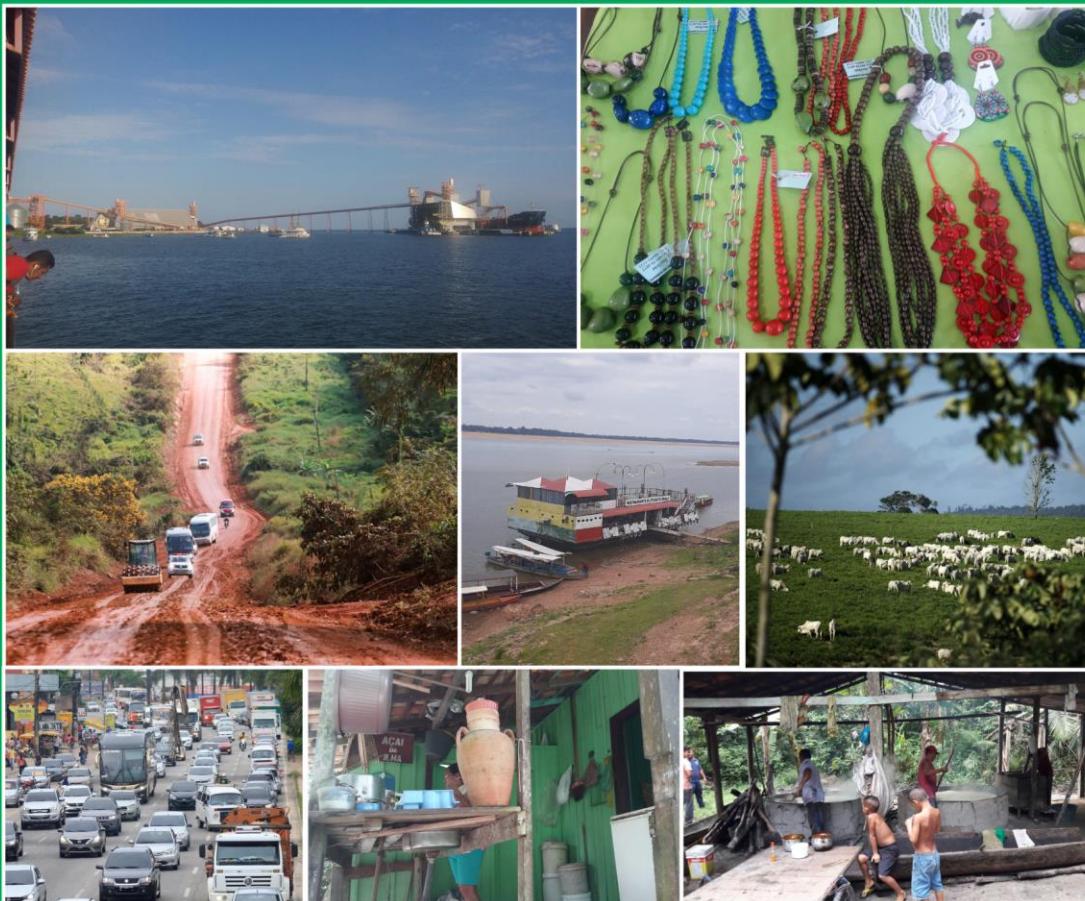


Viviane Corrêa Santos  
(Organizadora)

# AS TRAJETÓRIAS GEOGRÁFICAS DA AMAZÔNIA

Uma proposta didática de leitura da sua diversidade



AS TRAJETÓRIAS  
GEOGRÁFICAS  
DA AMAZÔNIA

*UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA  
DE SUA DIVERSIDADE*

VIVIANE CORRÊA SANTOS  
*Organizadora*

### **Conselho editorial / Colaboradores**

Márcia Aparecida da Silva Pimentel - Universidade Federal do Pará, Brasil José

Antônio Herrera - Universidade Federal do Pará, Brasil

Márcio Júnior Benassuly Barros - Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

Miguel Rodrigues Netto - Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil

Wildoberto Batista Gurgel - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil

André Luiz de Oliveira Brum - Universidade Federal do Rondônia, Brasil

Mário Silva Uacane - Universidade Licungo, Moçambique

Francisco da Silva Costa - Universidade do Minho, Portugal

Ofelia Pérez Montero - Universidad de Oriente- Santiago de Cuba, Cuba

Editora chefe: Viviane Corrêa Santos - Universidade do Estado do Pará, Brasil

Editor e webdesigner: Walter Luiz Jardim Rodrigues - Editora Itacaiúnas, Brasil

Editor e diagramador: Deividy Edson Corrêa Barbosa - Editora Itacaiúnas, Brasil

VIVIANE CORRÊA SANTOS  
*Organizadora*

AS TRAJETÓRIAS  
GEOGRÁFICAS  
DA AMAZÔNIA

*UMA PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA  
DE SUA DIVERSIDADE*

**1ª edição**

**Editora Itacaiúnas**  
Ananindeua -PA  
2021

© 2021 por Viviane Corrêa Santos (Org.)

© 2021 por vários autores

*Todos os direitos reservados.*

1ª edição

**Editoração eletrônica/ diagramação:** Walter Rodrigues

**Organização e preparação de originais:** Deivid Edson

**Ilustrações:** Marcelo de Jesus Santos

**Projeto de capa:** Walter Rodrigues

Fotos da capa: os autores e organizadora

**Bibliotecário:** Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

S237t Santos, Viviane Corrêa

As trajetórias geográficas da Amazônia: uma proposta didática de leitura de sua diversidade / Viviane Corrêa Santos. - Ananindeua : Itacaiúnas, 2021. 74 p. : il. ; 20cm x 20cm.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-990164-2-4

1. Geografia. 2. Amazônia. 3. Formação geográfica. I. Título.

2021-583

CDD 918.1

CDU 913(81)

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Geografia : Brasil 918.1
2. Geografia : Brasil 913(81)

---

O conteúdo desta obra, inclusive sua revisão ortográfica e gramatical, bem como os dados apresentados, é de responsabilidade de seus participantes, detentores dos Direitos Autorais.

*Esta obra foi publicada pela Editora Itacaiúnas em março de 2021.*





## APRESENTAÇÃO

Esse livro tem como intenção apresentar as análises acerca do conteúdo de formação geográfica da Amazônia, sua linguagem e construção foram pensadas para atender alunos da Educação Básica, para que eles compreendam essa temática da forma mais lúdica possível.

Tal projeto surgiu como produto de análises avaliativas da disciplina “Amazônia e seu ensino de Geografia” desenvolvidas com alunos da turma de Licenciatura Plena em Geografia, do Parfor da Universidade do Estado do Pará, no município de Santarém/Pa, no ano de 2018. Seus autores, que na época eram discentes do curso proporcionaram a construção de um material didático que fosse para além do conteúdo escrito e que pudesse culminar com algo que viesse a ser o mais autoexplicativo possível e dessa forma, surgiu a proposta de produção de revistas que auxiliassem a leitura e discussão de conteúdos analisados em sala de aula, nas disciplinas de Geografia e Estudos Amazônicos.

No decorrer do desenvolvimento do material, contou-se também com a inserção de um aluno de graduação do curso regular de Licenciatura em Geografia da UEPA, o qual propôs iniciar as discussões (primeiro capítulo) a partir da apresentação e leitura

das regionalizações do espaço amazônico e seu relevante papel enquanto disciplina do currículo da educação básica, ministrada no estado do Pará.

Cabe ressaltar aqui, o grande desafio e inúmeras dificuldades de nossos alunos em produzir esse material, e deixar claro que apesar desse processo, cada uma delas foi superada, dentre elas, a mais expressiva, que foi possibilitar a compreensão de que ao se falar em Amazônia, na verdade está se falando de incontáveis “Amazônias”, pois há que se entender primeiramente, que estamos na Amazônia e que ela não está distante de nós, pois esta não é apenas a leitura da imagem de índios, mata, cobras, jacarés e rios, já que todos esses elementos são encontrados e dispostos em meio às diversas paisagens, independente se encontram-se em meio rural ou urbano, pois a Amazônia, ao ser analisada, pode ser considerada una e múltipla, uma vez que temos que considerar em sua análise, a leitura das relações socioambientais ocorrentes em nosso dia a dia.

À organizadora<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Professora Assistente em Geografia da Universidade do Estado do Pará, com atuação profissional inicial na Educação Básica, no ensino fundamental dos municípios de Acará e Marabá, no Estado do Pará, experiência que motiva e proporciona a produção de material didático junto aos graduandos dos cursos de licenciatura em Geografia e Pedagogia das Universidades Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA), as quais atuou.

## PREFÁCIO

A presente obra exalta as múltiplas perspectivas e representações de temas geográficos, feitas expressivamente por alunos do curso de geografia ofertado pelo PARFOR, em Santarém, dando voz a suas narrativas locais sobre temas caros à ciência geográfica. Sua importância assenta-se justamente em ecoar as múltiplas vozes que compõem a diversidade e heterogeneidade de se apreender o lugar e o ensino de geografia na Amazônia.

Apresenta de forma direta e simples temas complexos, como a colonização brasileira, supressão da paisagem natural, genocídio indígena, globalização na Amazônia, uso de agrotóxicos na agricultura, expansão do dendê, fragmentação do território paraense e lutas por direitos sociais na Amazônia, nos convidando a imergir nos universos ontológicos dos educadores da região e suas múltiplas estratégias como facilitadores do ensino de geografia.

O conhecimento não é construído apenas longe da região. Por muitos anos, a leitura sobre a Amazônia apresentava autores externos à região ou, mesmo, ao território brasileiro. Chegou a hora da população autóctone também compor as múltiplas vozes que constroem o ensino de geografia, mostrar sua cosmovisão, aqui, traduzida em gráficos e figuras que representam situações de seu cotidiano, como as

consequências que os projetos de cunho desenvolvimentistas vêm ocasionando à região e aos seus educandos e educadores.

A professora Viviane possui experiência com a educação básica e com o ensino superior, o que lhe legou uma visão ímpar acerca da necessidade de se contextualizar os conteúdos curriculares às singularidades das comunidades amazônicas, para, desta forma, construir uma aprendizagem significativa. Este é um primeiro esforço para que os sujeitos que constroem conhecimento na região possam ser evidenciados e reconhecidos enquanto detentores de saber e possam ter seus trabalhos incorporados como material complementar no ensino de geografia.

Boa Leitura a todos!

Mariana Neves Cruz Mello<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Possui graduação em geografia pela Universidade Federal do Pará (2010), mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Pará (2013) e doutorado em Ecologia Aquática e Pesca pela Universidade Federal do Pará (2017). Atualmente é professora de geografia da Universidade do Estado do Pará, especialista ecóloga - Agroflora Projetos e Consultoria LTDA, assistente ambiental - ICNM Consultoria e Projetos. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana e Ensino de Geografia, experiência em Ecologia Política em trabalhos com populações tradicionais tendo realizado consultorias ambientais em Estudos de Componente Indígena e Estudos de Componente Quilombolas nos estados do Pará e Amazonas.

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
Viviane Corrêa Santos	
<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>10</b>
Mariana Neves Cruz Mello	
<b>A DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS E O USO DA GEOGRAFIA NA COMPREENSÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO .....</b>	<b>14</b>
Adson Lucas dos Santos Sousa	
Viviane Corrêa Santos	
<b>A AMAZÔNIA UMA FLORESTA DE CONQUISTAS E ENCANTOS.....</b>	<b>30</b>
Cilene Nazaré Perna	
Elícia Pereira de Sousa	
Eva Sousa de Oliveira	
Maria Elenita Batista Farias	
Marly Silva de Lima	
Raimundo Lima da Silva	
<b>NOVAS ECONOMIAS NA AMAZÔNIA: ANÁLISE DA AGRICULTURA DO DENDÊ E DA SOJA .....</b>	<b>38</b>
Francilucy da Silva Nascimento	
Ilana Giselle Castor da Rocha	
Ilva Vânia de Azevedo Satos	

Jharlennny de Nazaré da Silva Viana  
 John Lenno Miranda Miranda  
 Reinildo Corrêa Pires

**A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA..... 48**

Alessandra Vanessa Santos da Costa  
 Alexandre Moraes Peixoto - UEPA  
 Arlete Silva Leite - UEPA  
 Alaise Soraia dos Anjos Fonseca  
 Maria das Graças dos Santos Costa  
 Joel Costa Lopes

**O PARÁ E SUA SUPOSTA FRAGMENTAÇÃO..... 56**

Ana Maria Nunes Ribeiro Azulay  
 Maria das Graças Pinheiro Soares  
 Maristela dos Santos Araújo  
 Mere Terezinha Alves Alcântara  
 Nádia Sousa Pires  
 Rosiane da Silva Cristo

**AS LUTAS POR DIREITOS SOCIAIS NA AMAZÔNIA..... 66**

Albanira Costa Albanira Costa Pereira  
 Denildo dos Santos Rodrigues  
 Maria Iracema Gomes de Andrade  
 Marilene Sousa do Nascimento  
 Ocivaldo Corrêa Rocha

# A DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS E O USO DA GEOGRAFIA NA COMPREENSÃO DO ESPAÇO AMAZÔNICO

Adson Lucas dos Santos Sousa  
Viviane Corrêa Santos

## **Resumo**

O presente trabalho analisa a disciplina escolar regional Estudos Amazônicos e de que forma a ciência geográfica pode contribuir para a compreensão do espaço amazônico já que a Geografia pode analisar a Amazônia pelos mais diversos recortes espaciais. Como aporte metodológico foram utilizados autores como Barros (2016) e Almeida (2013), que em trabalhos anteriores, dissertaram sobre a institucionalização da disciplina referida, de como se dá o processo de formação do professor responsável por lecioná-la e também sobre a contribuição da Geografia para a mesma. Desta maneira, compreende-se que a ciência geográfica, com o auxílio de outras áreas do conhecimento, são excelentes ferramentas no estudo desta região tão vasta como a Amazônia.

## **Introdução**

O termo “Amazônia” é dotado de múltiplos significados, podendo se referir a floresta, ao bioma, ao domínio morfoclimático, a região geoeconômica e até mesmo a bacia hidrográfica. E, para que houvesse uma maior compreensão das temáticas amazônicas em sala de aula, foi proposto em 1987, a criação da disciplina de Estudos Amazônicos em substituição a antiga disciplina de Estudos Paraenses. (ALVES, 2016)

Esta disciplina tem um caráter particular da rede de ensino da região norte, traz aos alunos uma análise específica de região ao qual eles vivem, utilizando-se da História, Geografia, Ciências Sociais e etc. Nesse contexto, a Amazônia está na ênfase da análise, possibilitando aos discentes conhecer suas características e particularidades desconhecidas por parte de seus próprios habitantes.

Os licenciados em Geografia estão aptos, por regulamentação, ao lecionarem esta disciplina, sendo esta, mais um campo de trabalho para os profissionais formados nessa área. Então, os docentes podem utilizar o seu conhecimento geográfico para analisar em sala de aula a Amazônia, em seus mais variados recortes espaciais, haja vista que a análise da região é objeto de estudo da ciência geográfica.

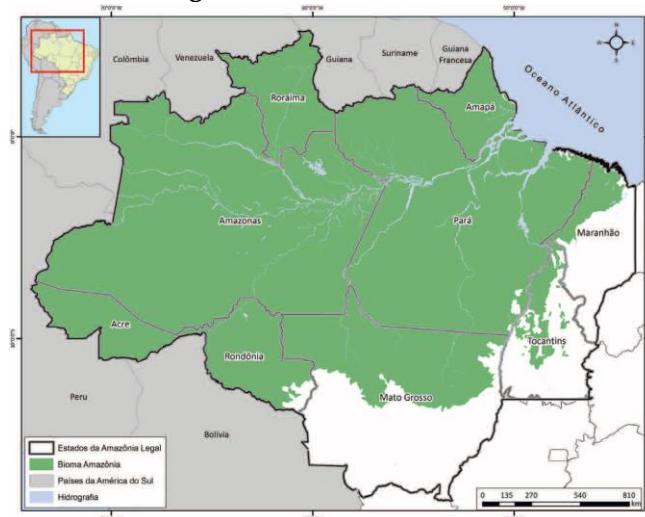
O objetivo em questão trata da discussão acerca da disciplina escolar Estudos Amazônicos, mas não podemos analisar a mesma sem antes espacializar essa região tão múltipla, dessa forma, destacaremos abaixo as cartografias mais usuais que representam as diversas regionalizações da Amazônia, especialmente em ambiente escolar. Dentre elas, destacam-se as seguintes tipologias: Pan Amazônia ou Amazônia Internacional, Bioma Amazônia, Amazônia Legal e Região Norte.

**Figura 1- Mapa Pan Amazônia ou Amazônia Internacional**



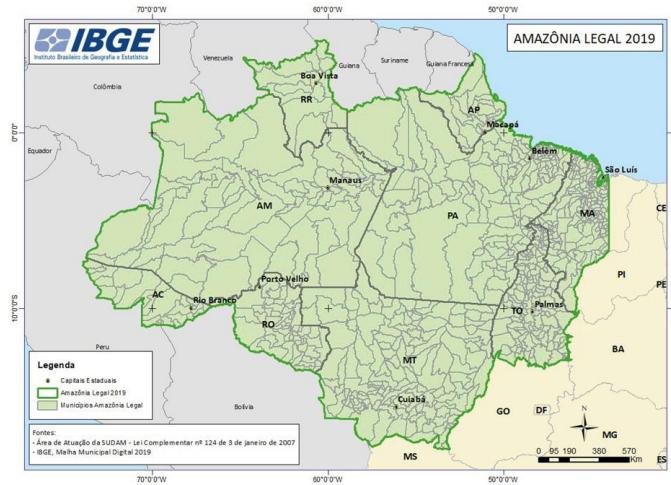
Fonte: Santos; Pereira; Veríssimo; 2013, p. 12

**Figura 2 - Bioma Amazônia**



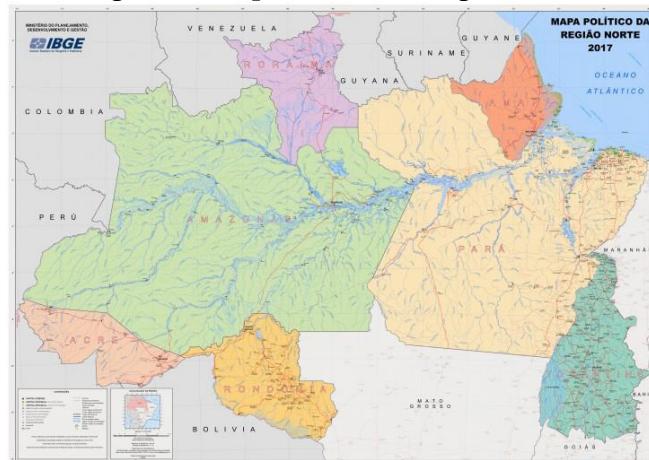
Fonte: Santos; Pereira; Veríssimo; 2013, p. 14

**Figura 3 – Mapa Amazônia Legal**



Fonte: Site do IBGE, 2020.

**Figura 4 – Mapa Político da Região Norte**



Fonte: Site do IBGE, 2020.

Pelo que podemos analisar, cada mapa de representação da Amazônia corresponde a uma tipologia que é delimitada de acordo com características específicas a serem destacadas, a saber: limites territoriais que abrangem inúmeros países, domínios físicos (hidrografia, cobertura vegetal, geomorfologia, etc.), além de, características culturais e sócio-econômicas. Dessa forma, cada cartografia representada nas figuras acima às características peculiares e/ou comuns nessas extensões territoriais, constituirão as diferentes regionalizações da Amazônia, e ao serem analisadas desvendarão as diversas Amazônias.

### **Metodologia**

Para o estudo da presença dos conceitos geográficos dentro da disciplina escolar de Estudos Amazônicos, foi realizado um levantamento bibliográfico, com referenciais teóricos que abordassem o início da institucionalização da disciplina, o processo de formação do professor responsável por lecioná-la e de como a Geografia auxilia no estudo do espaço amazônico. (ALVES, 2016; BARROS, 2016)

### **Referencial teórico**

A disciplina de Estudos Amazônicos tem, como o próprio nome já evidencia, a Amazônia como objeto de estudo. Entretanto, definir o que é Amazônia é uma tarefa árdua e nada fácil. Moreira (1960, p. 11) afirma que, ao se tratar de Geografia, nenhuma outra problemática é tão complexa e ingrata quanto a de “conceituar e sobretudo delimitar regiões, pois nem sempre é possível conciliar, no plano geográfico, as necessidades lógicas

do espírito com a ordem natural das coisas”, e que, na perspectiva dele, a delimitação de uma região deve ser precedida pelo estabelecimento de critérios que permitam defini-la conceitualmente. Ainda segundo o autor,

(...) a Amazônia não é, contudo, uma região muito fácil de definir ou delimitar, a começar pela pluralência de sentido do termo que a nomeia, que tanto pode significar uma bacia hidrográfica como uma província botânica, um conjunto político como um espaço econômico (MOREIRA, 1960, p. 9).

Para entendermos o processo de surgimento da disciplina escolar de Estudos Amazônicos precisa-se primeiramente compreender que o currículo escolar do Ensino Infantil, Fundamental e Médio é composto por dois eixos: o da Base Nacional Comum, que é obrigatório em todo país e tem as disciplinas fixadas pelo Conselho Nacional de Educação e outra, a “parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos” (BRASIL, 2013). Portanto, essa disciplina escolar deve servir aos discentes como um instrumento de conhecimento do lugar onde se vive e de fortalecimento das relações de pertencimento, onde o ensino englobe as características locais, culturais e econômicas da região amazônica (BARROS, 2016, p. 36).

Os debates acerca da institucionalização da disciplina de Estudos Amazônicos começaram no ano de 1987, onde em um evento da Secretaria de Educação do Estado do Pará, professores se queixaram da falta de material didático que fossem contextualizados com a realidade amazônica (ALVES, 2016). Após a promulgação da resolução nº 630/97,

que teve a aprovação do Conselho Estadual de Educação (CEE/PA), a disciplina de Estudos Paraenses foi substituída pela disciplina de Estudos Amazônicos. Entretanto, embora a resolução tenha sido promulgada em 1997, somente dois anos depois, a disciplina torna-se obrigatória no Ensino Fundamental II, devido a

imperiosa necessidade da escola contribuir para a formação de uma consciência nos cidadãos sobre a Amazônia como uma questão nacional de ser a Amazônia o maior e mais rico sistema natural do planeta Terra (ALVES, 2016).

Obrigatoriamente, a disciplina escolar Estudos Amazônicos faz parte da grade curricular do 6º ao 9º ano do ensino fundamental em todas as escolas paraenses, sejam elas da rede pública ou privada, segundo regulamentação da Secretaria de Educação do Estado, esta disciplina é exclusivamente ministrada nas escolas da região Norte e é utilizada como instrumento de ensino da formação histórica e geográfica da Amazônia, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), que, nesse contexto, dá autonomia às regiões administrativas federais. (BRASIL, 1996)

Por critério da SEDUC/PA estão aptos a lecionar a disciplina de Estudos Amazônicos os profissionais que possuem Licenciatura Plena em História, Geografia ou Ciências Sociais, e na falta destes, estão habilitados bacharéis nas mesmas áreas.

Em 6 de janeiro de 1953, o Governo Federal, através da Lei nº 1.806, cria a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que transformaria toda a dinâmica local existente até então. Por meio deste órgão, a região recebeu diversos benefícios, tanto com o intuito de integração com o restante do território

nacional quanto na afirmação da Amazônia como local estrategicamente posicionado na América do Sul (JÚNIOR, 2015). A Amazônia não está alheia ao processo de Globalização, já que nas últimas décadas, a região tem recebido fortes investimentos de capital por empresas nacionais e estrangeiras atraídas por seus recursos naturais, suas reservas minerais, seu potencial energético e também por isenções fiscais, a exemplo da Zona Franca de Manaus (LIMA et al., 2009).

Já durante a década de 90, devido as intensas discussões políticas acerca das questões ambientais, a Amazônia torna-se assunto de interesse internacional, haja vista que a sua intensa degradação ocasionaria danos ambientais em escala global. É nesta conjuntura que a região amazônica passa a ser prestigiada educacionalmente, com o surgimento de uma disciplina escolar específica para estudar esta região do Brasil (BARROS, 2016). Entretanto, entende-se que ainda existem contratempos que precisam ser superados, tais como uma formação adequada para professores que ministram a disciplina de Estudos Amazônicos e uma maior produção de materiais didáticos contextualizados, atualizados e interdisciplinares, condizentes com a realidade local vivida pelo aluno.

Considerando seu caráter interdisciplinar, a disciplina de Estudos Amazônicos permite ao docente fazer uma ampla abordagem geográfica que dialogue com outras áreas do conhecimento, como a História, Biologia, Ciências Sociais, etc. De acordo com Barros (2016, p. 43), para se compreender o espaço amazônico é fundamental o diálogo entre o pensamento histórico e o geográfico, para que essa disciplina escolar não seja apenas um mero complemento de outras áreas do ensino, mas que tenha uma identidade própria, trabalhando de forma interdisciplinar e até mesmo transversalmente. O conteúdo deve

proporcionar ao aluno um conhecimento baseado na multidisciplinaridade, alicerçado nas múltiplas perspectivas das ciências humanas e biológicas.

Para entender a estreita relação entre as disciplinas de Estudos Amazônicos e Geografia pode-se citar novamente Barros (2016, apud ALMEIDA, 2013), no qual compreende que dentre os principais objetivos da disciplina de Estudos Amazônicos estão a análise do espaço geográfico amazônico (seu processo de ocupação, organização e reorganização nas mais diversas escalas), a desconstrução de estereótipos e teorias equivocadas, bem como, a valorização dos elementos culturais dos povos tradicionais e a preservação da biodiversidade.

Para Almeida (2013), além de ser um meio para a compreensão do ordenamento territorial da região, a disciplina de Estudos Amazônicos é uma das formas de se conhecer a história geográfica da Amazônia, de se estudar a função da região no processo de formação do Brasil, de se valorizar a riqueza natural e cultural de seu povo e de se discutir a espacialidade amazônica no contexto das políticas públicas pensadas para a região.

Por muito tempo, a Amazônia foi considerada um “vazio demográfico”, sendo um lugar que necessitava ser “ocupado”. (STAEVIE, 2015, p. 190). Já no governo de Getúlio Vargas existia uma preocupação com os dilemas da região amazônica. No começo da década de 40, em um discurso que ficou popularmente conhecido como “Discurso do Rio Amazonas”, o então presidente do Brasil ressaltou a necessidade de intervenções do Estado através de políticas públicas para “vencer, pouco a pouco, o grande inimigo do progresso amazonense, que é o espaço imenso e despovoado” (VARGAS, 1941, p. 227). O ensino pode ser utilizado como uma ferramenta na quebra desses conceitos preconcebidos,

através do estudo da organização espacial da região, de como ela foi ocupada e apropriada pelos mais diversos atores que ordenam o território.

O processo de ocupação do Brasil iniciou-se pela faixa leste do litoral brasileiro. Devido a este fato e também considerando as características fisiográficas da região deve-se compreender que a Amazônia não é uma região despovoada ou uma “terra sem homens”, mas que possui um processo de ocupação muito peculiar. Para uma melhor compreensão desse processo, Gonçalves (2005) resume didaticamente a organização do espaço amazônico em dois padrões, que facilmente podem ser estudados em sala de aula: rio-várzea-floresta (que conforme o autor permanece até 1960) e estrada-terra firme-subsolo (presente até os dias de hoje).

Complementar a essa lógica linear do autor é pertinente destacar que enquadrar a Amazônia em padrões é muito limitante, tendo em vista que desde o início desse texto e a proposta do mesmo é mostrar que essa região geográfica engloba inúmeras facetas, onde uma não consegue anular a existência da outra, ou simplesmente desaparecer, quando na verdade elas coexistem, são readaptadas de acordo com as necessidades sociais, ambientais e econômicas. E ainda, para reiterar a negação dos padrões da Amazônia, destaca-se a inserção das ferroviárias nessa região, instrumento de circulação que até hoje ainda é utilizado, a exemplo da Estrada de Ferro Carajás, a qual liga o município de Paraopebas no Pará até São Luiz no estado do Maranhão transportando minérios e pessoas. Vale ressaltar que a organização espacial amazônica se modificou bastante a partir dos anos 60, devido a intensificação dos grandes projetos federais de integração da região com o restante do Brasil, já que, segundo Bertha Becker:

Foi com a formação do moderno aparelho do Estado, associada à sua crescente intervenção na economia e no território, que se acelerou e se tornou contínuo o processo de ocupação da Amazônia, com base na dominância absoluta da visão externa e privilégio das relações com o centro do poder nacional. (BECKER 2001, p.136)

Uma outra temática importante de ser abordada é a ambiental. A região Amazônica possui vastos recursos hídricos, minerais e extrativistas, o que a torna uma região de extrema importância econômica para o país e para o mundo.

Ao se compreender que a Educação Ambiental, segundo Oliveira (1997), “deve estar fundamentada na mudança da percepção dos seres humanos em relação à natureza”, todo este processo de ensino-aprendizagem pode formar cidadãos conscientes acerca das problemáticas ambientais ocorridas na Amazônia e que os mesmos compreendam que os problemas ambientais são conseqüentemente problemas humanos (TUAN, 1980). As análises ambientais sobre Amazônia podem ser feitas pelos mais diversos recortes espaciais, seja usando a noção de região, bioma, bacia hidrográfica ou domínio morfoclimático. Eventos como desmatamento, biopirataria, queimadas, extinção de espécies animais e vegetais, provocam danos imensuráveis para o ecossistema amazônico e necessitam serem abordadas em sala de aula, pois o meio ambiente é parte fundamental da história amazônica e elemento significativo da cultura de povos tradicionais, tais como indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

Entende-se que o papel do professor de Estudos Amazônicos vai além da transmissão de informações/conteúdos, sendo de sua responsabilidade a formação de um cidadão reflexivo sobre suas práticas sociais e sua relação com a natureza, criando uma consciência conservacionista coletiva, em que os indivíduos reconheçam a influência de suas atitudes no processo de degradação do meio ambiente (BARROS, 2016, p. 57). Além disso, partindo do princípio de que aprender é um ato revolucionário, o ensino pode ser um instrumento de reconhecimento dos movimentos de luta por direitos sociais na Amazônia, na sua atuação pela preservação do meio ambiente e de empoderamento de povos menos favorecidos.

### **Considerações finais**

A partir da definição ou delimitação do que é Amazônia, o docente ao lecionar a disciplina escolar Estudos Amazônicos deve contribuir para que seu aluno conheça o lugar onde vive, suas características e particularidades, e se reconheça enquanto sujeito social que interage passiva e/ou ativamente com os processos e dinâmicas relacionadas à constituição e construção dessa região, além de compreender a importância da participação do povo negro e do povo indígena em todo o contexto histórico-social e regional, desde o período colonial até os dias de hoje.

Em uma conjuntura de preocupação com a questão ecológica, cabe compreender também os problemas ambientais ocorridos na região que são de fundamental importância na mudança da relação do indivíduo com o meio ambiente e na formação de uma consciência ecológica coletiva. Assoreamentos de rios, poluição do ar, queimadas e

desmatamentos são problemáticas ambientais que impactam primeiramente a sociedade local, e o ensino deve ser usado como ferramenta no combate à degradação socioambiental.

Diferente dos estereótipos acerca da região, a Amazônia nunca foi “terra desocupada ou despovoada”, mesmo antes da chegada dos colonizadores, pois inúmeros povos nativos já ocupavam essas terras.

Utilizando-se da Geografia, podemos estudar a Amazônia das mais diversas formas e nas mais variadas escalas, seja analisando a sua biodiversidade; sua grandiosa hidrografia; sua relevância econômica; seu vasto bioma; sua influência no clima global; suas características socioculturais; permitindo ao docente fazer uso de vários conceitos e áreas de estudo da ciência geográfica. Por fim, reitera-se a necessidade de uma formação mais qualificada dos profissionais responsáveis por lecionarem esta disciplina, para que os mesmos possam construir com seus alunos a análise das inúmeras leituras acerca da Amazônia, não sem antes fazê-los compreender que eles vivem na Amazônia e dessa forma, fazem parte dela.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, D. V. **A disciplina intitulada Estudos Amazônicos constituindo-se como mais um espaço para o conhecimento geográfico em sala de aula.** Peru: Anais do Encuentro de Geógrafos de América Latina - 2013 (Versão Digital).

ALVES, D. H. R. **Ciclo x Período: A disciplina ‘Estudos Amazônicos’ entre duas propostas curriculares.** In: Simpósio Eletrônico Internacional de Ensino de História, 2, 2016. Disponível em: <

<http://simpohis2016b.blogspot.com/p/ciclo-x-periodo-disciplina.html> >. Acessado em 13/08/2019.

BARROS, G. R. N. **A disciplina de Estudos Amazônicos e a formação de professores no ensino fundamental: uma experiência no município de Marabá-PA.** São Paulo, 2016.

BECKER, B. K. **Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: É possível identificar modelos para projetar cenários?** Parcerias Estratégicas, n. 12, p. 135-159, Set/2001.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. **Alteração no Art. 26 da LDB de 1996.** Brasília (DF), abril/2013. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm)>. Acessado em 13/08/2019.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias.** São Paulo: Contexto, 2005. 179 p.

IBGE, 2020. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/10861-mapas-regionais.html?=&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 29/06/2020

----- Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15819-amazonia-legal.html?=&t=acesso-ao-produto>> 19/07/2020>. Acesso em: 29/06/2020

JÚNIOR, Antonio de Oliveira. **Amazônia: paisagem e região na obra de Eidorfe Moreira.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 10, n. 3, p. 569-581, set.-dez. 2015.

LIMA, W. Teles et al. **Globalização na Amazônia: Questões e Implicações sobre a territorialidade.** Rev. Colombiana cienc. Anim. 1(1).2009.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia: o conceito e a paisagem.** Rio de Janeiro: SPVEA (serviço de documentação). Coleção Araújo Lima, 3. 1960. 91 p.

OLIVEIRA, G. P. **Educação Ambiental voltada para a formação profissional na área ambiental e florestal**. Piracicaba (SP), ESALQ, 1997. (Dissertação para obtenção do título de Mestre na área de Ciências Florestais).

SANTOS, Daniel; PEREIRA, Denys; VERÍSSIMO, Adalberto. O estado da Amazônia: uso da terra. Belém, PA: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), 2013.

STAEVIE, P. M. Crescimento demográfico e exclusão social nas capitais periféricas da Amazônia. TEXTOS E DEBATES, Boa Vista, n.28, p. 185-204, jul.-dez.2015.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo (SP); Rio de Janeiro (RJ): Difel, 1980.

VARGAS, Getúlio. **Discurso do rio Amazonas**. Cultura Política. Revista Mensal de Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, p. 227-230, out. 1941.



## A AMAZÔNIA UMA FLORESTA DE CONQUISTAS E ENCANTOS

Cilene Nazaré Perna  
Elícia Pereira de Sousa  
Eva Sousa de Oliveira  
Maria Elenita Batista Farias  
Marly Silva de Lima  
Raimundo Lima da Silva

### **Resumo**

O referido trabalho versa sobre o processo histórico de construção social e econômico da região Amazônica e em meio a isso, os conflitos surgidos no início de sua ocupação, tendo como objetivo compreender a importância de conhecer as características físicas e geopolíticas da Amazônia, bem como, seus conflitos territoriais para se obter uma compreensão espacial em um todo do seu processo histórico até os dias atuais. Como aporte metodológico, foram utilizadas as leituras dos seguintes autores: Gonçalves (2001), Tavares (2011) e Trindade Jr. (2005), os quais tratam da temática já apresentada. A metodologia utilizada no referido projeto dar-se-á por levantamento de dados sobre a área geográfica territorial da Amazônia e sobre a ocupação da Amazônia e seus principais conflitos territoriais para se desenvolver assim o senso crítico dos alunos.

### **Conclusão**

Ao concluirmos o trabalho de pesquisa sobre a Amazônia de ontem e de hoje vimos que o mesmo é de suma importância para o trabalho acadêmico, pois a

disciplina de geografia da Amazônia nos faz refletir sobre as consequências causadas aos moradores que viviam na Amazônia antes da ocupação e aos danos causados ao meio ambiente que visava os interesses políticos. Acreditamos que tudo que aprendemos nessa disciplina ficará guardado e sabemos que tudo que o indivíduo aprende ele nunca esquece e é através da educação que podemos mudar a realidade de nosso país.

### **Referências bibliográficas**

GONÇALVES, C.W.C.P. Amazônia, Amazônia. São Paulo: Contexto, 2001.

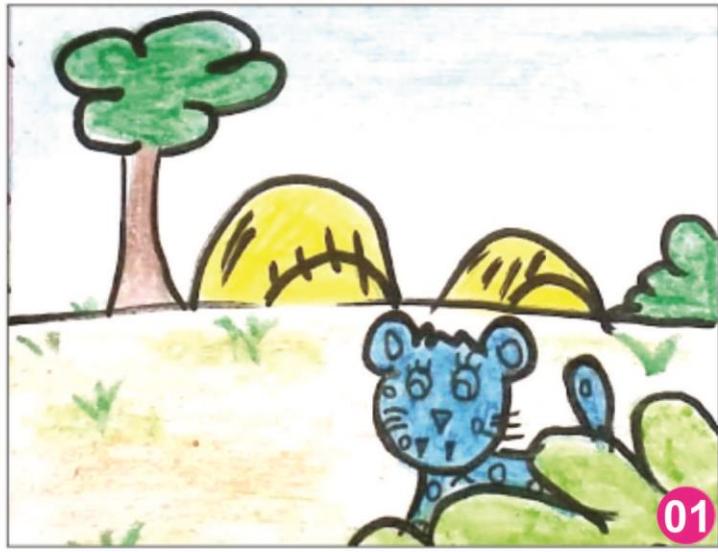
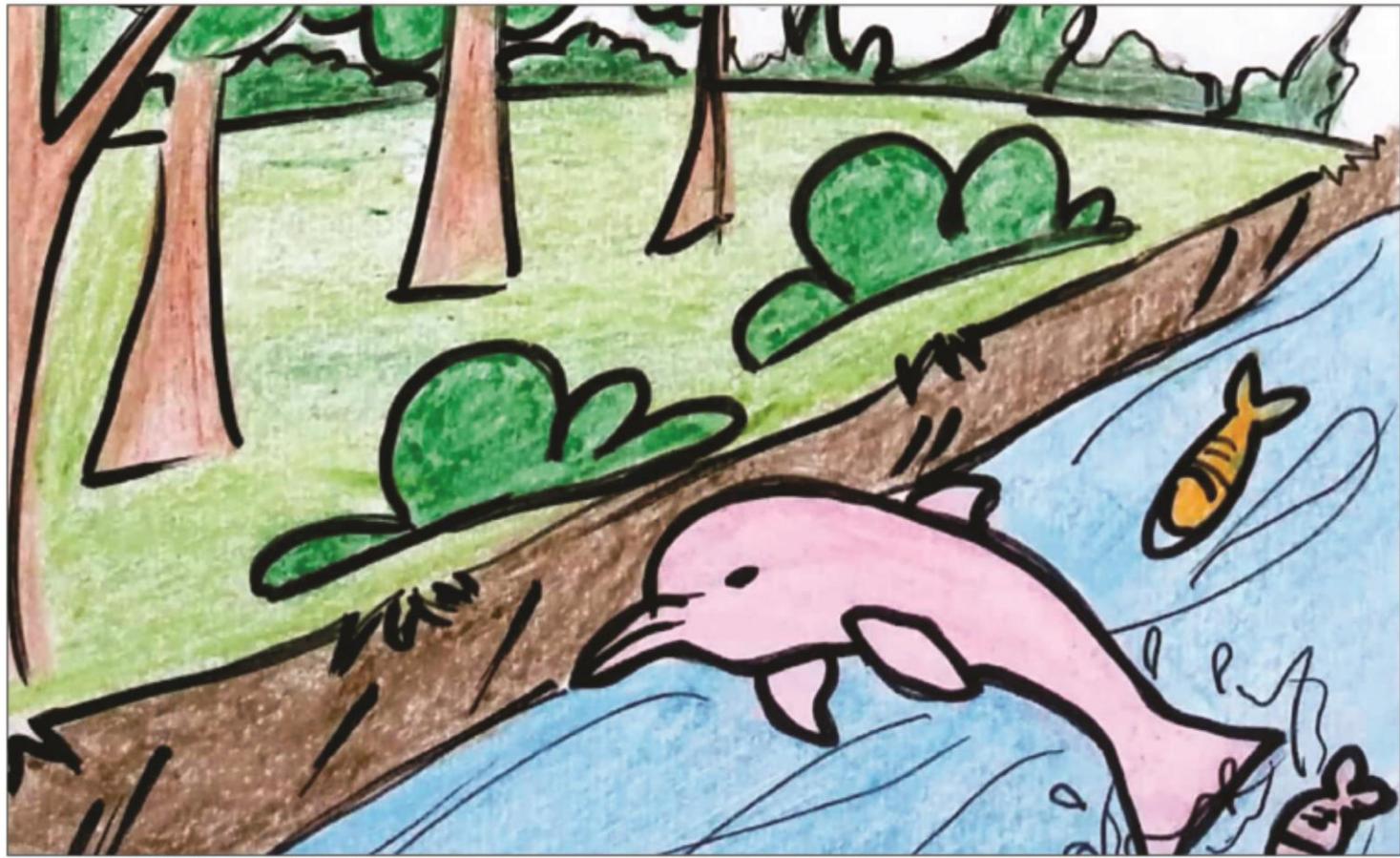
MARIA Goretti da Costa Tavares. A Amazônia brasileira: formação histórica, territorial e perspectivas para o século XXI. GEOUSP -Espaço e Tempo. São Paulo: nº 29 -Especial, pp.107-121,2011.

SANTOS, Valcir Bispo. Desigualdades Regionais e Dinâmicas Territoriais na Amazônia Paraense. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL ANPUR, 14., Anais... Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: . Acesso em: 8 mar. 2015.

TRINDADE JR, Sc. Grandes Projetos, Urbanização do Território e Metropolização Na Amazônia. São Paulo: 2005.

A AMAZÔNIA  
E SEUS  
ENCONTROS







Aqui ta ruim de trabalho. O jeito é ir pro Nordeste atrás de gente pra trabalhar.

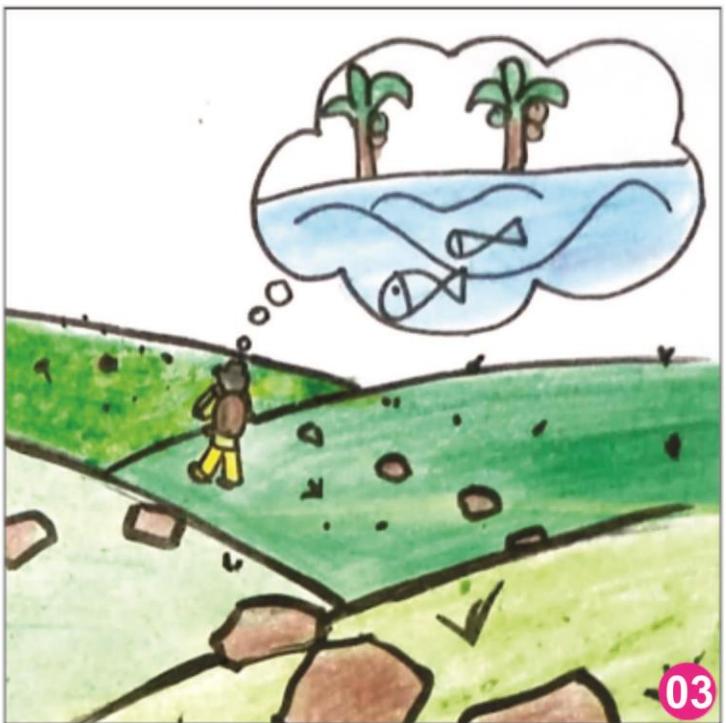


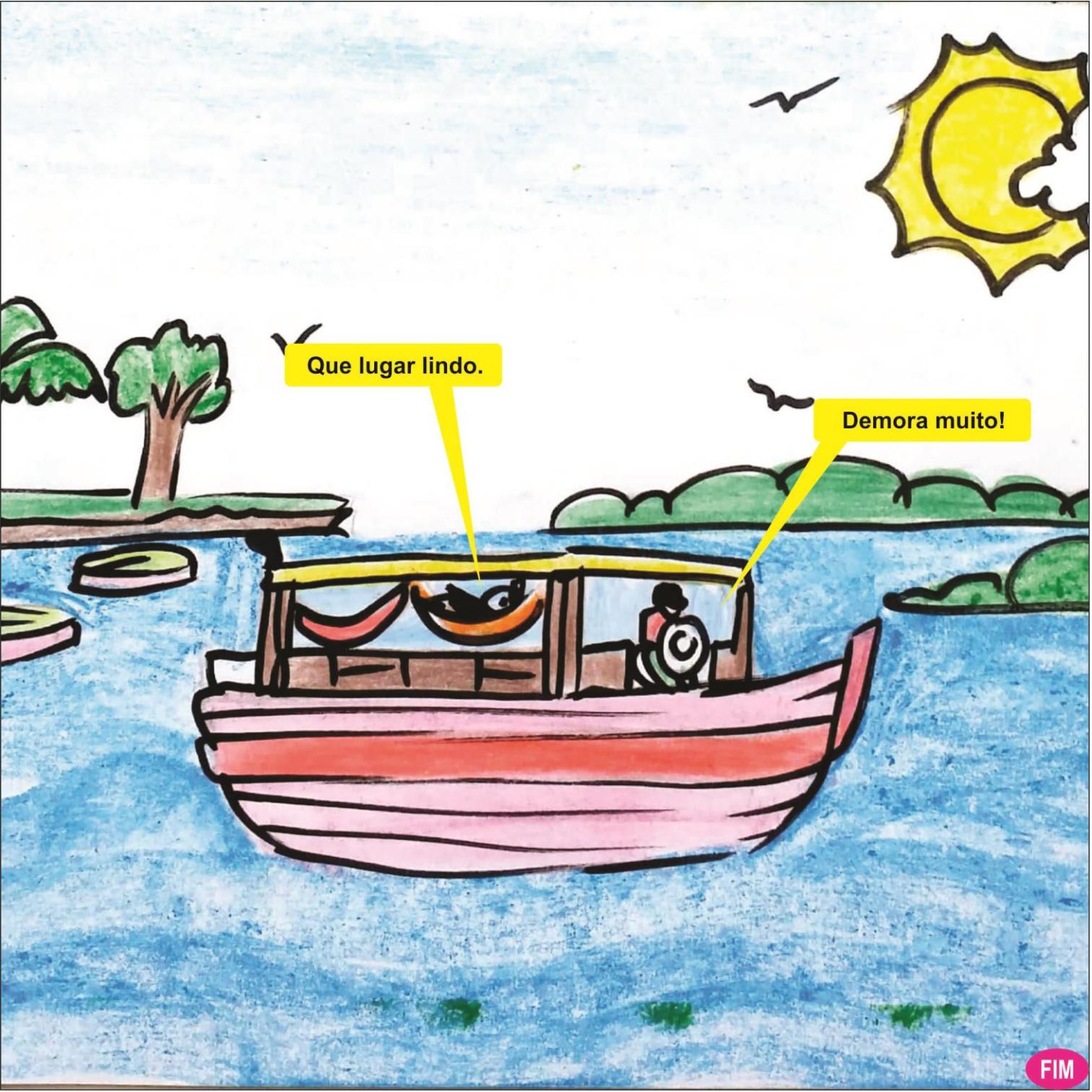
Trabalho muito e não pago as dívidas.

Ta ruim assim marido.



Muita borracha pra transportar. Éh vida dura.





Que lugar lindo.

Demora muito!



## NOVAS ECONOMIAS NA AMAZÔNIA: ANÁLISE DA AGRICULTURA DO DENDÊ E DA SOJA

Francilucy da Silva Nascimento  
Ilana Giselle Castor da Rocha  
Ilva Vânia de Azevedo Satos  
Jharlennny de Nazaré da Silva Viana  
John Lenno Miranda Miranda  
Reinildo Corrêa Pires

### **Resumo**

Este artigo faz uma análise da agricultura do dendê e da soja, com base em pesquisas já realizadas. Dessa maneira, faz-se uma abordagem das políticas públicas que incentivam essas atividades, visando o desenvolvimento econômico dentro da região amazônica. Embasados nos artigos de Castro e Castro (2015), Homma (s/d) e Barbosa (2015) que demonstram tanto aspectos positivos quanto negativos, com ênfase nas questões socioambientais que são controversas em muitos aspectos. A pesquisa teve sua análise a partir de coleta de dados, tais como: levantamentos bibliográficos, além da construção de um material pedagógico que venha a dar suporte a tal discussão no ensino dessa ciência geográfica na educação básica. Por fim, serão apresentados resultados relevantes para esta análise.

### **Conclusão**

O monocultivo do dendezeiro propicia a agricultura familiar, ao contrário do monocultivo da soja. A colheita do fruto é manual e é feita por pessoas da própria comunidade, diferente do grão da soja, que desde sua plantação até o produto final, para ser beneficiado, é feito de maneira mecanizada, o que em nada beneficia as comunidades locais. Outro ponto importante é que o óleo do dendê já

está inserido na culinária amazônica, fazendo parte da cultura desse povo desde a colonização. Em contrapartida, a soja, nem como alimento é vista com bons olhos, mesmo o óleo de soja sendo produto fundamental nas cestas de alimento, este não tem expressiva relevância para a população local.

Portanto, os conflitos e contradições estão presentes nesse processo. Cabe então achar alternativas que se encaixem na dinâmica da Amazônia, da melhor maneira possível. Neste caso, entre o dendê e a soja, diante de relatos e pesquisas, o cultivo do dendê é o que mais “agrada” as comunidades locais. Desta maneira, espera-se que o desenvolvimento de novas economias na Amazônia, para o crescimento econômico do país caminhem nesse sentido, respeitando e promovendo o aspecto socioambiental desta região.

## Referências

A SOJA. História, tendências e virtudes. Revista Funcionais e Nutracêuticos, n. 0, p. 28-40, 2007. Disponível: [http://www.insumos.com.br/funcionais\\_e\\_nutraceuticos/edicoes\\_materias.php?id\\_edicao=16em](http://www.insumos.com.br/funcionais_e_nutraceuticos/edicoes_materias.php?id_edicao=16em); Acesso em: abr. 2015

BARRETO, Clarissa de Araújo. Os impactos socioambientais do cultivo de soja no Brasil. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/216712367\\_Os\\_impactos\\_socioambientais\\_da\\_soja\\_no\\_Brasil](https://www.researchgate.net/publication/216712367_Os_impactos_socioambientais_da_soja_no_Brasil)> Acesso em: 12 de junho de 2018

CASTRO E CASTRO. As Monoculturas e a Sustentabilidade: Análises de três Regiões do Brasil, 15.06.2015.

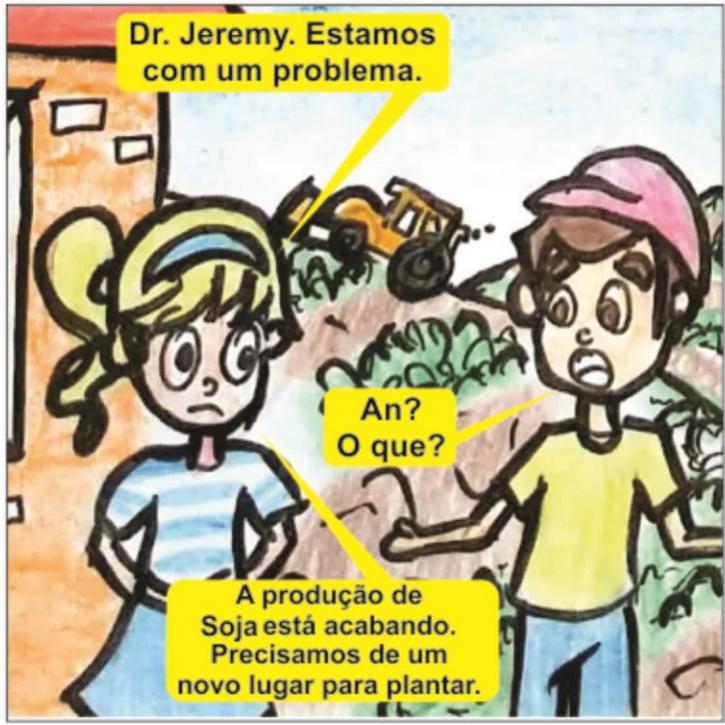
FREITAS, Eduardo de. "Expansão da Soja no Brasil"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/brasil/a-expansao-soja-no-brasil.htm>>. Acesso em 12 de julho de 2018.

HOMMA, A.K.O. A expansão da soja na Amazônia: a repetição do modelo da pecuária?. In: ANDRADE, E.E. (ed). **A Geopolítica da Soja na Amazônia** Belém: Embrapa Amazônia Oriental; Museu Paraense Emílio Goeldi, 2005. 280p. ISBN 85-87690-45-01. P.77-105. (Noprelo).

VAINSENER, Semira Adler. Fundação Joaquim Nabuco. (s/d)

...CUIDADO COM AS  
FALSAS AMIZADES...





Dr. Jeremy. Estamos com um problema.

An?  
O que?

A produção de Soja está acabando. Precisamos de um novo lugar para plantar.



Assim eu vou a falência.



Calma!  
O senhor ainda pode plantar em outro lugar.

Huum..  
Deixa eu pensar...



YES!  
Vou para o Brasil.  
Lá serei bem recebido.

Agora volte ao trabalho!

Tudo bem!



Vou ligar para o Francisco...



Na verdade, vou logo viajar.



No Brasil...

Oi, amigo. Senti sua falta.

Olá, como posso te ajudar?



Preciso de terras para plantar soja e também estradas e portos.



tempos depois...

Preciso falar  
com você!

O que foi?

Você expulsou  
as pessoas?

Jogou  
agrotóxicos  
nelas?



Amigos, quero  
falar sobre o  
meio ambiente.

Dependemos da  
natureza para  
sustentar nossas  
famílias.

É da natureza que  
tiramos o que  
precisamos.

Juntos, podemos conquistar  
nossos direitos!





## A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

Alessandra Vanessa Santos da Costa  
Alexandre Moraes Peixoto - UEPA  
Arlete Silva Leite - UEPA  
Alaise Soraia dos Anjos Fonseca  
Maria das Graças dos Santos Costa  
Joel Costa Lopes

### Resumo

Este trabalho consiste em analisar algumas influências que a globalização trouxe para o território amazônico, assim como: problemas sociais, econômicos e ambientais resultado do processo dos grandes projetos implantados nessa região. Essa pesquisa tem como proposta refletir a dinâmica da globalização como um todo no contexto amazônico e suas influências, que contribuíram para a transformação do espaço geográfico dessa região que reflete e alcança dimensões locais e globais. Os instrumentos metodológicos utilizados nessa pesquisa passaram por levantamento de referências bibliográficas, dados que contribuíram muito na compreensão e visão para acompanhar esse processo de globalização, problemática na região amazônica. Vários autores, dentre eles: Paiva (2000), Castro (2001), Teles, Libório, Sammya (2009), serviram de suporte teórico para desenvolver esse trabalho, com o intercâmbio para reflexão desenvolvida dentro da disciplina. Enfim, vivemos em uma aldeia que aos poucos é modelada pela estrutura mundial, e o Brasil, especificamente a Amazônia, não está de fora devido as suas riquezas naturais e culturais, consideradas extraordinárias.

## Conclusão

A compreensão desta obra consiste em relacionar os princípios que norteiam os impactos que abalam a existência da biodiversidade amazônica onde se acentua a detenção do poder por grupos privilegiados e socialmente articulados pelo Estado. Os novos paradigmas assim esboçados deixam claro que há uma continuidade na formação das políticas, sendo priorizada a dinâmica econômica.

Concluimos que a partir dessa reflexão a globalização trouxe crescimento para a região como: geração de emprego, desenvolvimento tecnológico entre outros benefícios, mas também causou inúmeras consequências aos aldeamentos que aqui existem até os dias de hoje, conflito entre empresas mineradoras e povos indígenas que lutam em favor da floresta, ribeirinhos que lutam para a preservação dos recursos hídricos, pois os mesmos servem como meios de subsistência para estes.

## Referências

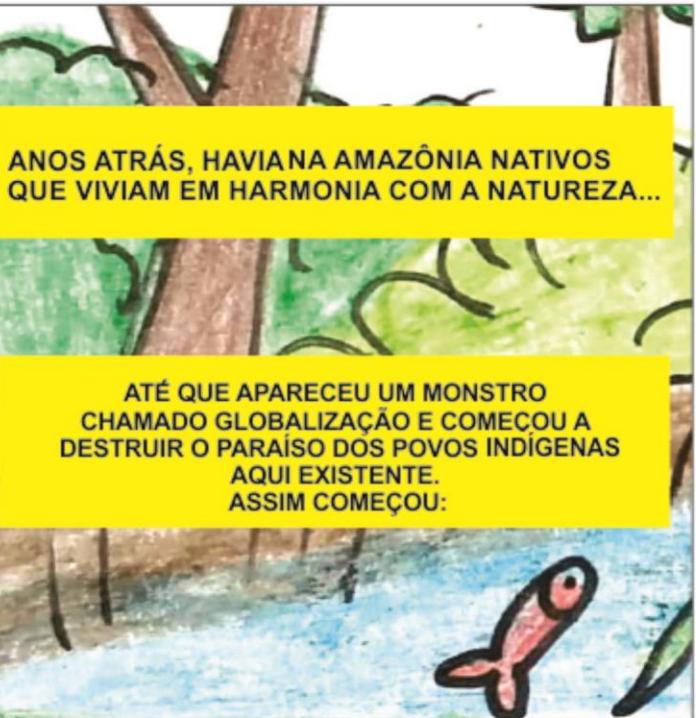
CASTRO, Edna Ramos de. Estado e política pública na Amazônia em face da globalização e da integração de mercado. In.: COELHO, M. C.; CASTRO, E.; MATHIAS, A.; HURTIENNE, T. (orgs.). Estado e políticas públicas na Amazônia: gestão do desenvolvimento regional. Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 2001.

LIMA, W. Teles; OLIVEIRA, A. M. Libório; ALVES, C. O. Sammya; Globalização na Amazônia: Questão e implicações sobre territorialidade Revista Colombiana Ciências Animais. v. 1, n. 1, p. 122-140, 2009.

PAIVA, Mário. Antonio Lobato de. Globalização e Amazônia. Jus Navigandi, Teresina, ano 3, n. 24, 21 abr. 1998. Disponível em < <http://jus.com.br/revista/texto/1699>>. Acesso em : 5 nov. 2011.



**A AMAZÔNIA  
E A  
GLOBALIZAÇÃO**



ANOS ATRÁS, HAVIA NA AMAZÔNIA NATIVOS QUE VIVIAM EM HARMONIA COM A NATUREZA...

ATÉ QUE APARECEU UM MONSTRO CHAMADO GLOBALIZAÇÃO E COMEÇOU A DESTRUIR O PARAÍSO DOS POVOS INDÍGENAS AQUI EXISTENTE. ASSIM COMEÇOU:



Olá, Wirá. Tudo bem meu amigo? Vim trazer boas notícias para a região. Trouxe Tecnologia, informação e desenvolvimento econômico.



Olá, Paulo. Qual a novidade dessa vez? O que é isso? A gente come?

Não, Wirá, tudo que lhe falei é um sistema de transformação para a região e que vai trazer somente benefício ao seu povo.

**No dia seguinte...**

Bom dia, Wirá.  
Como foi a conversa  
com a sua aldeia?

Furanga Ara! Ah, meu amigo,  
meus líderes não gostaram  
dessa ideia, mas acho que  
vão aceitar.

Melhor assim!

**Muito tempo se passou  
até que os amigos se  
encontraram:**



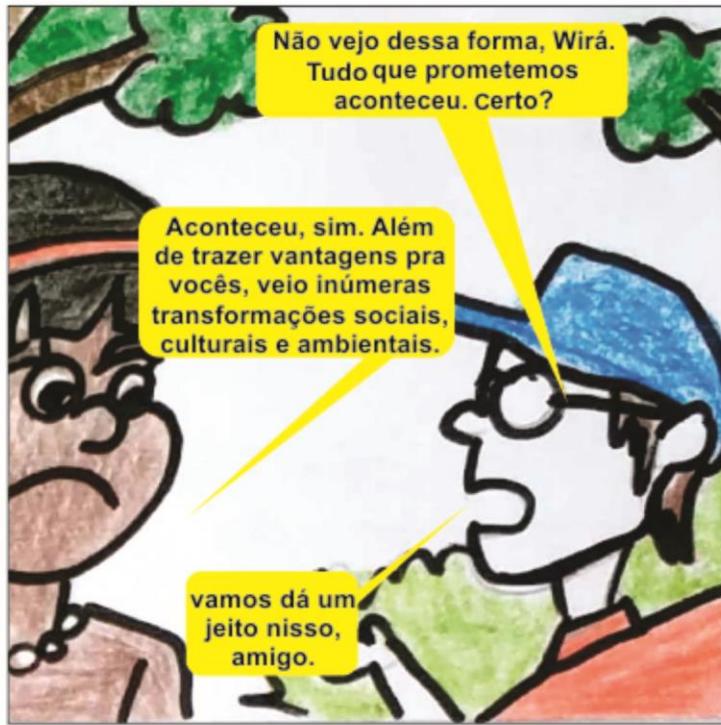
Quanto tempo, Wirá!  
E aí, sua aldeia  
mudou como  
te falei?

Verdade, quanto tempo!  
Da última vez que ti vi, você  
disse que o desenvolvimento viria  
pra cá. Veio e transformou  
minha aldeia.

**Wirá olha  
furioso e diz:**



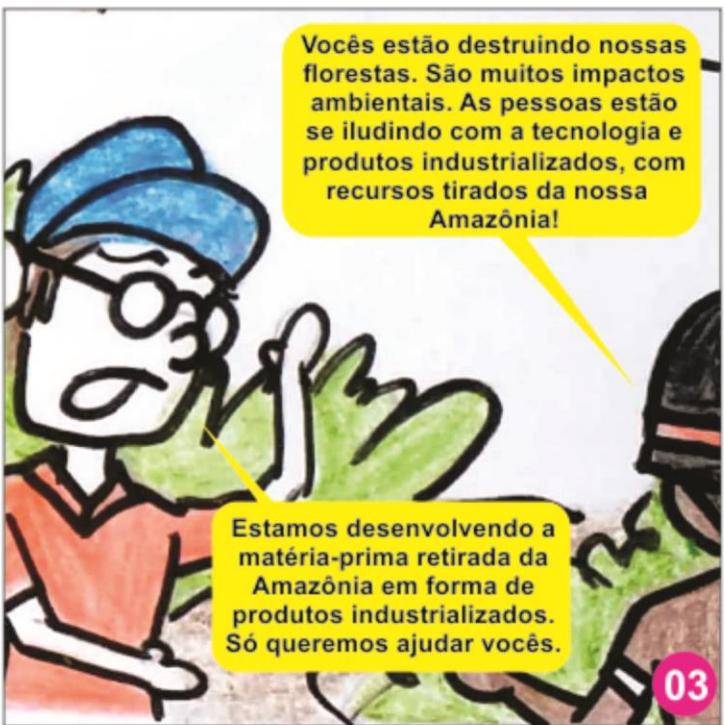
Vocês só vieram nos  
enganar! Esse sistema  
de globalização  
trouxe só desgraça  
para nosso povo.



Não vejo dessa forma, Wirá.  
Tudo que prometemos  
aconteceu. Certo?

Aconteceu, sim. Além  
de trazer vantagens pra  
você, veio inúmeras  
transformações sociais,  
culturais e ambientais.

vamos dá um  
jeito nisso,  
amigo.



Vocês estão destruindo nossas  
florestas. São muitos impactos  
ambientais. As pessoas estão  
se iludindo com a tecnologia e  
produtos industrializados, com  
recursos tirados da nossa  
Amazônia!

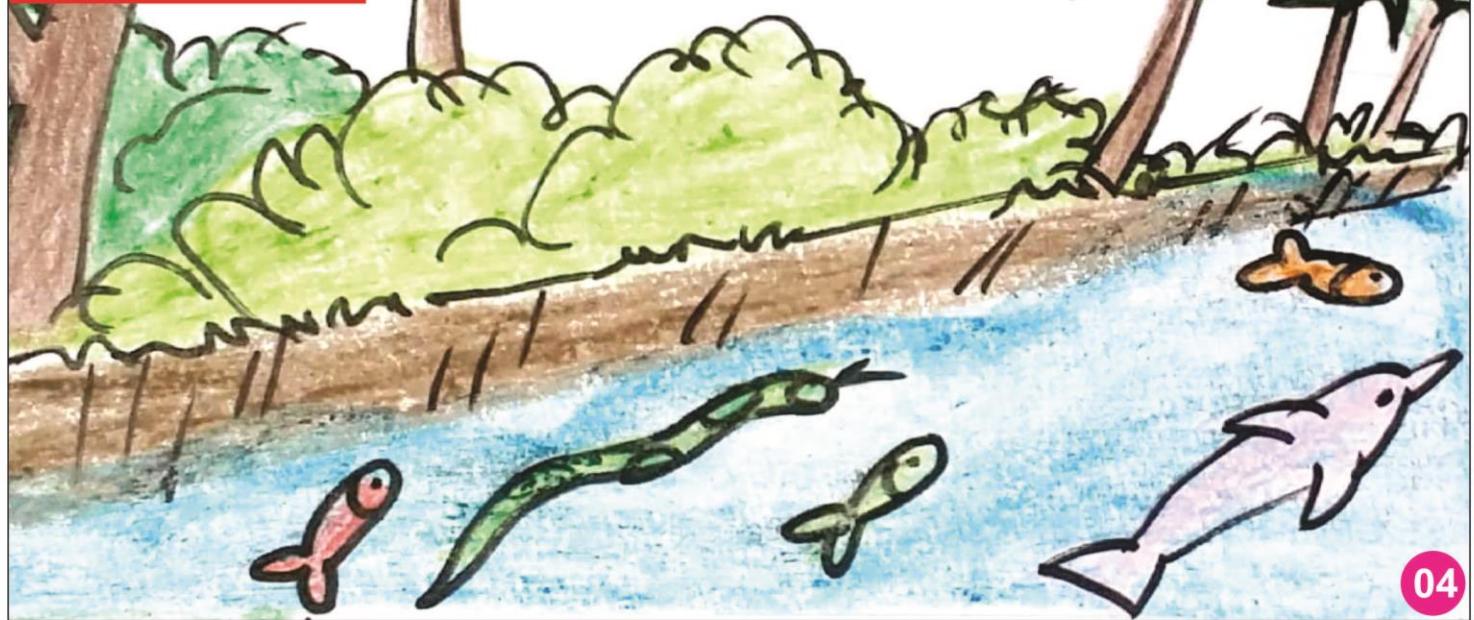
Estamos desenvolvendo a  
matéria-prima retirada da  
Amazônia em forma de  
produtos industrializados.  
Só queremos ajudar vocês.



*Wirá ficou bastante pensativo, pois cada vez mais vem transformações ...*



*Que continue assim...*



*E Wirá ficou bem pensativo:*

E como será  
daqui alguns anos  
na minha aldeia?

*Espero que continue assim,  
tudo tranquilo...*

## O PARÁ E SUA SUPOSTA FRAGMENTAÇÃO

Ana Maria Nunes Ribeiro Azulay  
Maria das Graças Pinheiro Soares  
Maristela dos Santos Araújo  
Mere Terezinha Alves Alcântara  
Nádia Sousa Pires  
Rosiane da Silva Cristo

### **Resumo**

Este trabalho analisa uma breve discussão sobre a suposta fragmentação do estado do Pará para a criação de dois novos estados: Carajás e Tapajós. O objetivo desse estudo é esclarecer as discussões a favor e contra, em relação à divisão do estado. Apresenta-se uma análise a partir dos referidos autores, tais como Vale et. Al. (2011), Trindade Jr. (2012) e Martins (2001). O procedimento metodológico desta pesquisa se deu a partir de levantamento bibliográfico para a coleta das informações, bem como, a produção de um material pedagógico como uma história em quadrinho.

### **Conclusão**

A partir desse cenário da suposta fragmentação do Estado do Pará, compreende-se que há uma trajetória pela frente, pois é necessário muito debate, muita discussão, pois é através desses elementos que irá haver a interação e divulgação entre diferentes sujeitos para se chegar a respectivas atitudes sobre um

problema para sugerir uma solução. Dessa forma, a escola é o ambiente de socializações e tem como um de seus papéis, a participação dos cidadãos na vida pública.

## Referências

IDESP. **Retrato da Divisão do Estado do Pará**: IDESP, 2011.

MARTINS, Herbert Toledo. **A Fragmentação do Território Brasileiro: A Criação de novos estados no Brasil**, Salvador, 2001.

**Notícias e Política. A Divisão do Estado do Pará.** Disponível em [www<https://youtube/pS3IAA712Z4>](https://youtube/pS3IAA712Z4). Acesso em 1/07/2018.

TRINDADE JR, S. C. **A Amazônia Oriental Brasileira: Processo de Territorialização e Perspectivas de Fragmentação Política do Espaço**. IN: **Anais colóquio XII colóquio internacional de Geocrítica/as. independencias Y construcción de estados nacionales: Poder, territorialización Y Socialización siglos XIX-XX**. Bogota: Universidade Nacional de Colômbia, 2012.

VALE M.S.M. RICCI, Fabio; QUINTAIROS, P. C. R. OLIVEIRA, E.A.A.Q. **Divisão do Estado do Pará: Uma proposta**. XV Encontro Latino Americano de Inscrição Científica XI Encontro Latino Americano de Pós-graduação- Universidade do Vale do Paraíba 2007; São José dos Campos. SP.



Tapajós

Pará

Carajás

PARÁ<sup>®</sup>  
EM  
PEDAÇOS







Sei não, Carajás.  
Sua ideia é boa,  
mas isso vai  
demorar demais.

Você já parou para  
pensar na distância  
que é daqui até lá?



Cê tá certo!  
Tiro pelos  
recursos  
do governo,  
que para chegar  
até nós é  
uma eternidade.



Até breve Carajás!  
Vou continuar com  
meus trabalhos.

Até Tapajós!  
Vou cuidar da  
minha produção  
de minérios.

No dia seguinte...

Boa tarde, Carajás!  
Estive pensando sobre  
nossa conversa  
de ontem.

Pensando bem, temos  
que tomar uma providência,  
essa situação não  
pode continuar assim.

Isso mesmo!  
Contribuímos muito  
e não recebemos  
nada de volta.

Tô contigo  
mirmão,  
vamos falar  
com o Pará.



O Pará quer ser o chefe,  
mas não dá conta...

Acredito que seja  
por ser muito  
extenso o estado  
com todos  
nós juntos.



Carajás, seria assim,  
entrariamos em acordo  
para fragmentar  
todo o estado em três  
ficando parte para o Pará,  
uma para mim, Tapajós,  
e outra para você.

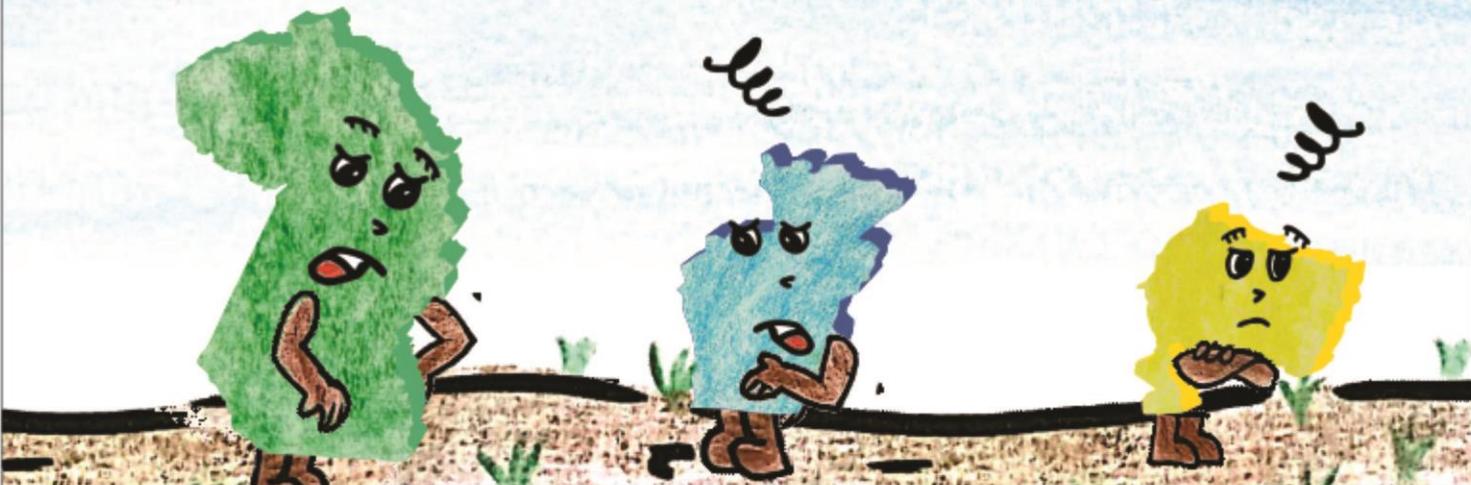
O que você diz de  
cada um tomar conta  
do seu território?



Êeeita!  
Seria um baita  
de um sonho.



Meses depois, Tapajós e Carajás chegando ao Pará, colocaram as suas propostas, mas ele puxou para trás alegando várias situações, dentre elas, que eles separados seria mais difícil, e que eles não dariam conta de sobreviverem sozinhos...



QQ isso??  
Carajás, que tu achaste dessa história?

Sei lá,  
o Pará não demonstrou  
nem interesse no assunto,  
acho que ele não quer  
isso não.

Bom, se é o que vocês querem,  
vai ter que ser feito de acordo  
com o resultado de um plebiscito.

Pra quem não sabe, Plebiscito é uma manifestação popular expressa através de voto que ocorre quando há algum assunto de interesse político e social, onde o povo é convocado a uma eleição para votar sim ou não.



Olha já!  
Então é isso?  
Que seja, vamos sim.

Está certo,  
será decidido de  
forma democrática.



Assim aconteceu o tal plebiscito, sendo que o resultado favoreceu ao Pará.  
Com resultado desfavorável ao Tapajós e Carajás...





**Carajás!**  
E se essa votação  
fosse só entre o  
meu povo e o  
seu seria melhor?



**Cê tá certo,**  
essa decisão só era  
para ser entre nosso povo.  
O do Pará não era para  
participar dessa votação.  
Não é de interesse deles.



**Carajás!**  
Vamos lutar para que  
aconteça outro plebiscito,  
já que esse não deu certo,  
né?



**Vamos Tapajós!**  
precisamos que nossa  
situação mude para melhor,  
já que o acesso de reivindicação  
dos nossos direitos é difícil.  
Não podemos ficar parados!

**FIM.**



## AS LUTAS POR DIREITOS SOCIAIS NA AMAZÔNIA

Albanira Costa Pereira  
Denildo dos Santos Rodrigues  
Maria Iracema Gomes de Andrade  
Marilene Sousa do Nascimento  
Ocivaldo Corrêa Rocha

### **Resumo**

O referido artigo trabalha as lutas por direitos sociais na Amazônia com o objetivo de apresentar uma discussão sobre a implementação de políticas públicas pensadas e colocadas em práticas na região amazônica, as formas de organização dos sujeitos sociais que necessitam de ordem jurídica para terem mais agilidade em seus direitos garantidos na constituição brasileira. Analisar de que forma esses instrumentos jurídicos influenciam no diálogo entre o estado brasileiro e a sociedade civil organizada e quais os projetos que esses sujeitos planejam para garantir sua permanência e sobrevivência em seus territórios originários, apropriando-se dos avanços tecnológicos em favor de suas necessidades. É importante entender que a Amazônia sempre foi um espaço de disputa de poderes entre os diferentes atores sociais em diferentes momentos históricos de sua ocupação.

### **Conclusão**

Percebe-se que as organizações sociais surgem da necessidade de combate aos projetos pensados pelo capital nacional e internacional para a região, sem respeitar o modo de vida de suas populações locais. O governo

brasileiro olha a região como um laboratório de recursos naturais para desenvolver projetos em prol do desenvolvimento do país, o que acaba por atropelar a própria constituição brasileira, na tentativa de atender aos interesses econômicos.

Contrariando esse posicionamento, as organizações da sociedade civil se apropriaram de conhecimentos sobre os direitos sociais, e de posse desses instrumentos, partem para o combate com as burocracias impostas pelo sistema de governo. No entanto, as sociedades inicialmente tentam o diálogo, porém nem sempre o governo aceita essa ideia.

Atualmente se nota as múltiplas organizações sociais implantadas nessa região, em que ambas lutam por seus direitos sociais garantidos na constituição brasileira. Dentre esse contexto, existem constantes embates entre os juristas, pois esses direitos já estão contemplados na lei maior do país.

## Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner. B. **Universalização e localismo: Movimentos Sociais e Crises dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.

BRANDÃO, C. A. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local**. Unicamp, Campinas, 2007.

SILVA, H. W. S. da. **Formação e Resistência do MST no Pará**. 2003.134 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade do Estado do Pará. Departamento de Sociologia, Belém, 2003.

SOUZA, Carlos Augusto da S (2006). **Impactos econômicos e interesses políticos**. Belém: UNAMA, (Relatórios de Pesquisas).

**AUMENTA**



**DESMATAMENTO**



**NA AMAZÔNIA**

**Conflito por terra..**



**Desmatamento...**



**Transformação da natureza...**



**Presença de monoculturas: milho, soja, etc.**

Cadê as  
árvores?



Foi a última vez  
que eu cortei  
uma árvore.



Oiha como o rio  
tá rasiinho, né?





Mano, a hidrelétrica  
vai dá muito emprego.

Muitos vão  
ficar alagados.



Amigo, pensando bem  
esse pessoal que vai  
ficar alagado, são  
nossos irmãos.



Só quero um trabalho  
pra sustentar a  
minha família.

Muito bem,  
assim que  
eu gosto  
de ver.



O governo vai mandar  
a gente ir embora  
daqui.

O latifundiário destrói a natureza, não respeita as leis e deixa muita gente desempregada.



Destrói tudo em busca do lucro.







## AUTORES

Adson Lucas dos Santos Sousa  
Cilene Nazaré Perna  
Elícia Pereira de Sousa  
Eva Sousa de Oliveira  
Maria Elenita Batista Farias  
Marly Silva de Lima  
Raimundo Lima da Silva  
Francilucy da Silva Nascimento  
Ilana Giselle Castor da Rocha  
Ilva Vânia de Azevedo Santos  
Jharllenny de Nazaré da Silva Viana  
John Lenno Miranda Miranda  
Reinildo Corrêa Pires  
Alessandra Vanessa Santos da Costa  
Alexandre Moraes Peixoto  
Arlete Silva Leite  
Alaise Soraia dos Anjos Fonseca  
Maria das Graças dos Santos Costa  
Joel Costa Lopes  
Ana Maria Nunes Ribeiro Azulay  
Maria das Graças Pinheiro Soares  
Maristela dos Santos Araújo  
Mere Terezinha Alves Alcântara  
Nádia Sousa Pires  
Rosiane da Silva Cristo  
Albanira Costa Pereira  
Denildo dos Santos Rodrigues  
Maria Iracema Gomes de Andrade  
Marilene Sousa do Nascimento  
Ocivaldo Corrêa Rocha  
Viviane Corrêa Santos



ISBN 978-65-990164-2-4



9 786599 016424 >